

Creio que já não amo o meu marido.

E pensar que toda a minha família julga que ele é o homem da minha vida porque durante tanto tempo sofri e trabalhei muito para ele, por ele. Mas é assim que se mede o amor? Não me parece. O que se mede assim, o que se comprova, não será antes uma certa obediência a um destino? Sim, obediência, nome mais verdadeiro do que amor e que, pouco a pouco, o vai substituindo quando abrimos os olhos e ousamos nomear os seres e os sentimentos com o seu verdadeiro nome, quando aqueles a quem chamamos «meu marido» nos aparecem como verdadeiramente são, talvez barqueiros que não sabem o que fazem, mas fazem-no, para que na sua esteira, à sua sombra, embarcadas com eles nessa passagem de uma margem para a outra, nos seja permitido não conhecer na solidão os seus remoinhos, a sua espuma, para que não fiquemos sem companheiro e sem testemunha durante essa travessia. Mas que difícil é ver apenas um companheiro naquele que foi durante tanto tempo outra coisa. E mesmo assim! Que companheiro! Tão pouco apto, no fundo, para ser companheiro de uma mulher. Tão pouco apto para viver connosco, não gostando das mesmas coisas, não aspirando às mesmas coisas que nós, atraído por aquilo de que não gostamos, indiferente e por vezes hostil àquilo de que gostamos. Como me parece agora preferível a companhia de uma amiga, de uma mãe. Porque, na verdade, eles fazem parte de uma espécie diferente da nossa. Sabia isso

desde a infância. É entre eles que deviam passar a sua vida, cumprir o seu destino. De resto, só são verdadeiramente felizes, verdadeiramente eles próprios, quando estão entre eles, sem nós. Cada vez que o Philippe parte em serviço militar, vejo no seu rosto a serenidade jubilosa de quem vai reencontrar os seus. Mais do que todos os livros de História, a sua expressão explica-me as grandes deslocções em massa que os homens têm levado a cabo desde a noite dos tempos. Todos esses Cruzados, Coligados, Combatentes de tantas causas, todas essas filas intermináveis, esses cortejos que se encaminham para a luta e para a morte. Os seus cantos, os seus clamores que se elevam por um sim, por um não, às vezes por menos ainda. A sua urgência de responder a esse apelo misterioso que os aglutina. Camaradagem da aventura, das feridas, dos hinos, dos juramentos. Aquilo que, em cada geração, os impele para uma qualquer carnificina incompreensível. E, em cada geração, os mais inteligentes entre eles ocupam-se a dar um nome, vários nomes, à carnificina, para assim a explicarem e justificarem.

Às vezes pergunto-me: que temos nós que ver com semelhantes loucos?

Sim, o homem no exercício do seu poderio terreno transforma-se de repente em Átila, Nero, Hitler, Napoleão, e no exercício do seu outro poder deixa que o preguem em cruces, lhe arranquem a língua, o trespasssem com flechas perante as Evas e as Marias consternadas que começam por se mostrar contrariadas e depois se afadigam a recolher os membros decepados, a juntar e contar os mortos, a limpar o sítio.

Não, se não fosse o amor, o homem não saberia ser nosso companheiro. De facto, a partir do momento em que deixámos de o amar, em que ele já não nos ama, já não faz sentido

A PAZ DAS COLMEIAS

estarmos juntos. A forma que ele traçava nesse espaço onde o trazíamos no fundo de nós limita-se agora a esconder um grande vazio.

Mas deixamos alguma vez de o amar?

Vou estar sozinha em casa várias semanas. Terei coragem de o confessar? É o que mais aprecio nesta nova ocupação do Philippe. O facto de o obrigar a ausentar-se várias semanas seguidas. Há muito tempo já que me alegrava por estar sozinha. Sozinha, precisamente para não o estar. Como o homem dos pássaros que vejo muitas vezes num dos parques da cidade, com o braço imóvel, estendido, rodeado de chapins que saltitam à sua volta. E upa! Um deles empoleira-se momentaneamente na sua mão, fugindo em seguida, enquanto outro se empoleira por sua vez, e depois outros dois. Depressa se cria um vaivém ininterrupto entre aquela mão aberta e as árvores circundantes, como se houvesse fios invisíveis entre aquelas árvores, aquele homem e os chapins. Mas basta que alguém se aproxime para que os fios se partam, para que essa espécie de íman se desmagnetize, para que os pássaros não regressem.

Acontece o mesmo connosco e certas presenças. Quando estamos sozinhos, tudo o que já não conseguíamos dominar volta a estar ao nosso alcance. Pelo menos comigo é assim. Quando estou sozinha, são-me devolvidos poderes que tinha perdido por já não o estar. Basta-me chamar para que tudo regresse, como se à minha volta já só houvesse um espaço livre, sem obstáculos, sem paredes, do qual me torno então o centro magnetizado e magnetizador, após recuperar o poder de atrair a mim aquilo que julgava haver perdido.

Mas que tinha eu esperado mais, chamado mais, senão o amor? Chamarei, então, um outro, um novo amor? Agora que já não sou quem era? Que não fiz tudo o que julgava poder fazer? Mesmo essa beleza que me atribuíam, e à qual não costumava dar nenhuma importância, agora que começo a perdê-la, surpreendo-me a levá-la a sério, a tremer ao vê-la desaparecer em breve, enquanto dantes a usava como a cor dos meus cabelos, de forma definitiva, sem lhe prestar atenção. De resto, que mulher acredita verdadeiramente na sua beleza e olha para si própria sem espírito crítico, com a indulgência, a cegueira que nos atribuem, que os homens nos atribuem? Não, pelo contrário, ninguém sabe melhor do que uma mulher a quem chamam bonita, bela, a miragem que a sua beleza representa, aquilo que a sustenta. Menos do que um fio. Um reflexo, uma iluminação mais ou menos feliz, o sono reparador, um certo equilíbrio entre corpo e espírito que cada hora ameaça destruir. Frágil beleza que as palavras embaciam por vezes como uma respiração impura, que até os beijos adulteram. Como nos poderíamos orgulhar de algo cujo carácter irrisoriamente efêmero ou inseguro descobrimos, quando basta uma ninharia, um vestido que não cai tão bem, um penteado mais ou menos conseguido, um erro na escolha de um tecido ou de uma tonalidade, para uma mulher parecer feia? E um decénio, três lustros depois, aquelas que se tinham habituado a ouvir vezes sem conta que eram bonitas, «tão bonitas», já só muito raramente escutam essas palavras doces. Foi o meu caso, ao passo que dois ou três anos antes não havia dia em que não me repetissem e gritassem isso aos ouvidos. Tinha acabado por não prestar atenção, e chegavam mesmo a aborrecer-me, esses elogios de homens na rua, nos eléctricos, num concerto. E eu que já gostava tanto de passear sozinha, como o homem dos

pássaros, não arranjava maneira de me sentar num parque, de abrandar o passo, de seguir por um atalho solitário, sem que de imediato *ele* chegasse, se perfilasse na esquina seguinte, se aproximasse e afugentasse aquilo que eu estava prestes a alcançar com tanto fervor, tanta expectativa. E por vezes desejei ser feia para que os homens me deixassem em paz.

Mas isso é coisa que eles dificilmente fazem. E se calhar, nos nossos tempos de juventude, não fazemos tudo o que está ao nosso alcance para que nos deixem em paz. Eu, quando tinha um homem na cabeça, recorria a tudo e mais alguma coisa para o prender, para o arrebatrar. Foi o que fiz com o que se tornou meu marido, foi o que fiz com o Pierre M... Será que o farei mais uma vez, uma última vez? Não será demasiado tarde para mim?

Ele deixou-me seis pares de meias para passajar, botões para pregar, um casaco para mudar o forro, roupa para lavar. Dedico-me a esse trabalho com alegria, mesmo se chego cansada do escritório. E, quando a mulher-a-dias chega, acolho-a como uma cúmplice.

— Então? Ele foi-se embora? — diz-me ela a sorrir.

— Sim — respondo —, foi-se embora...

— Vai ter sossego durante algum tempo, Sr.^a Bornand...

Sossego! Ela pensa que não se explicou bem. Acrescenta:

— Oh! O meu, quando vai para o serviço militar, é um verdadeiro descanso...

Ela vai e vem. Os seus gestos são suaves, cordiais, em perfeito acordo com ela, comigo, com aquilo que fazemos juntas. Sinto-me feliz na sua companhia. Ensaboamos e esfregamos, rodeadas por essa segurança confortável que nos é concedida quando descascamos legumes, pomos uma caçarola a brilhar ou remendamos um fato, só entre nós.